

Entre machados, leite de onça e ombros devotos: a Luta Marajoara na festa de corte dos mastros de São Sebastião em Cachoeira do Arari

Between hatchets, jaguar milk, and devout shoulders: the Marajoara Wrestling in the mast cutting festival of Saint Sebastian in Cachoeira do Arari

Welison Alan Gonçalves Andrade¹, Nazaré Cristina Carvalho²

Como citar esse artigo. ANDRADE, W. A .G. CARVALHO, N. C. Entre machados, leite de onça e ombros devotos: a Luta Marajoara na festa de corte dos mastros de São Sebastião em Cachoeira do Arari. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 40-50, jan./abr. 2024.



Resumo

Este estudo teve por objetivo descrever os embates de Luta Marajoara que compõem a festa de corte dos mastros da festividade de São Sebastião, realizada no município de Cachoeira do Arari, ilha de Marajó, Norte do Brasil. Metodologicamente, adotou-se abordagem qualitativa, a Etnometodologia como método, bem como a observação participante, o registro fotográfico, o caderno e o diário de campo como instrumentos para a reunião dos dados. Como resultado, notou-se que, na festa de corte dos mastros, a Luta Marajoara não possui um único espaço delimitado para sua prática. Seu espaço é o capim, a pissarra, a areia. Os lutadores, por vezes, lutam após ingerir bebida alcoólica e os embates ocorrem ao som das folias dedicadas a São Sebastião, carimbó ou músicas carnavalescas. Conclui-se que a festa de corte dos mastros é um momento no qual a Luta Marajoara se faz presente, com performances que a atravessam em diversos momentos e se entrelaçam com outros elementos festivos.

Palavras-chave: Luta Marajoara; São Sebastião; Cachoeira do Arari; Marajó.

Abstract

The objective of this study was to describe the Marajoara Wrestlingclashes that constitute the mast cutting ceremony during the festival of Saint Sebastian, held in the municipality of Cachoeira do Arari, Marajó Island, Northern Brazil. Methodologically, a qualitative approach was adopted, utilizing Ethnomethodology as a method, along with participant observation, photographic documentation, notebooks, and field diaries as tools for data collection. As a result, it was noted that, during the mast cutting festival, Marajoara Wrestlingdoes not have a single delimited space for its practice. Its arena is the grass, the slate, the sand. Fighters, at times, engage in combat after consuming alcoholic beverages, and the clashes take place to the sound of festivities dedicated to Saint Sebastian, carimbó, or carnival music. It is concluded that the mast cutting festival is a moment in which Marajoara Wrestlingis present, with performances that permeate it at various moments and intertwine with other festive elements.

Keywords: Marajoara Wrestling; Saint Sebastian; Cachoeira do Arari; Marajó.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Introduções alvissareiras

Este trabalho resulta de dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), cujo objeto de estudo é a prática da Luta Marajoara na festividade em honra ao santo católico São Sebastião, realizada no município de Cachoeira do Arari, ilha de Marajó, Norte do Brasil.

O povo brasileiro é um dos mais festeiros do mundo. De norte a sul do Brasil, Cavalcanti (2013)

Afiliação dos autores:

¹Um resumo deste trabalho foi apresentado no XVIII Seminário do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). Belém, Pará, Brasil.

²Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA). Belém, Pará, Brasil.

³Departamento de Artes Corporais e Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

Email de correspondência: andradewalan@gmail.com

Recebido em: 07/12/2023. Aceito em: 29/05/2024

assegura que são realizadas festas rurais, festas urbanas, festas cívicas, festas tradicionais, que se expressam em pequenas, médias, grandes ou gigantescas comemorações, cerimônias, concursos, cortejos, torneios, festejos sagrados e profanos, que não nos permite esquecer que o “país do carnaval” é também o das festas em geral. Não à toa, conforme o referido autor, costumamos dizer ter o “o maior São João do Mundo”, a “maior parada gay do mundo”, a “maior romaria do mundo” e o “maior carnaval do mundo”. Temos um calendário repleto de distintas festas, talvez por isso o festejar brasileiro tem sido alvo de interesse de múltiplas pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Humanas.

Em termos históricos, podemos dizer que o ato de festejar já existia no Brasil entre os indígenas, que comemoravam suas vitórias guerreiras em torno de uma fogueira, muitas vezes deglutindo os inimigos vencidos (FERREIRA, 2013). Comemorações que se somaram ao modelo de festa (religiosa, processional) que os colonizadores portugueses implantaram no país (AMARAL, 1998), incluindo tradições católicas europeias, como a veneração a santos e celebrações em sua honra.

Muitas cidades brasileiras continuam a celebrar e venerar, com muita pompa, os mesmos santos reverenciados pelos colonizadores. Para a realização de tais festas são necessários fogos, muita comida, procissões, cantos e danças, sendo que em alguns lugares como Pirenópolis, São Luís do Paraitinga, Parati ou Diamantina, algumas figuras parecem ter saltado do século XVIII, pois desafiam-se em cavalos, travam lutas com danças e bastões, viajam dias e dias cantando e rezando terços de casa em casa, comem exageradamente em público (BRANDÃO, 1989).

As festas de santo se tornaram parte integrante da cultura brasileira, ganhando características próprias em cada região. Na Amazônia brasileira, as festas de santo são manifestações quase obrigatórias, devido à tradição do povo de cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, para não correr o risco de ser abandonado pelo santo (GALVÃO, 1955).

No coração da Amazônia¹, as festas de santo, junto as festas de aparelhagem², estão entre as mais recorrentes e populares. Em consonância com Boulhosa (2016), a religiosidade, com predomínio do catolicismo, é notável na vida do povo marajoara, e entre as festas de santo mais prestigiadas na região estão aquelas em homenagem a São Sebastião, reconhecidas como Patrimônio Cultural do Brasil³.

No dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foram registradas 45 festividades em honra a esse santo, que possuem características que as tornam únicas em seus contextos (BARROS; PANTOJA, 2010). Cada localidade do Marajó que realiza festa para o “Glorioso São Sebastião”, como também é chamado pela população local, possui suas especificidades com variações das comissões, representantes, responsáveis e calendários (IPHAN, 2018). Entre as celebrações de maiores proporções, que envolvem um complexo estrutural com diversos setores da economia e cultura, como município, igreja, associações locais e outras instâncias, está a festividade de Cachoeira do Arari (BARROS; PANTOJA, 2010).

O ciclo da Festividade do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari, inicia-se com um período de peregrinação da imagem do santo, junto a uma comissão de devotos, que percorre diferentes regiões do Marajó. Simultâneo a essa peregrinação, outro prestigioso evento de preparação da festividade ocorre no dia 15 de novembro: a festa de corte dos mastros. Após o corte, em uma segunda-feira posterior ao terceiro domingo de dezembro, os mastros são carregados para a casa dos juizes da festividade, conhecidos como “festeiros” e “padrinhos dos mastros” (BOULHOSA, 2016), que devem prepará-los para encontrar com a imagem do santo no dia 10 de janeiro, dando início à festividade.

Neste estudo, não nos propomos a investigar, de modo abrangente, a Festividade do Glorioso São

1 De acordo com o historiador marajoara Pacheco (2009, p.), “El Corazón de la Amazonia” foi uma metáfora elaborada pelos agostinianos para falar da grande importância da Ilha de Marajó à região amazônica. A ilha é o músculo cardíaco que desempenha as funções de bomba aspirante e “impelente”, já que introduz nas profundidades do oceano Atlântico as águas barrentas.

2 As festas de aparelhagem são manifestações culturais muito populares no Estado do Pará. São caracterizadas pelo uso de equipamentos de som de alta potência, conhecidos como “aparelhagens”, que tocam gêneros como tecnobrega, melody, tecnomelody e outros ritmos.

3 Em 2013, os festejos do Glorioso São Sebastião do Marajó receberam o título de Patrimônio Cultural do Brasil, conferido pelo IPHAN, sendo, portanto, reconhecidos como elementos culturais importantes que devem ser protegidos para as gerações futuras.

Sebastião e todos os seus eventos preparatórios, mas sim buscamos nos concentrar, especificamente, na festa de corte dos mastros. Além disso, não temos a pretensão de investigar todos os estilhaços da festa, mas sim observar e descrever como ocorrem os embates de Luta Marajoara que a compõem.

Adotamos neste estudo uma abordagem qualitativa que, por sua vez, permite compreender profunda e detalhadamente os fenômenos sociais e as experiências das pessoas (Minayo, 2016), em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais.

Como método, utilizamos a Etnometodologia, cujas estratégias de investigação têm em comum a descrição minuciosa dos objetos que se investiga. Nesses termos, os desenhos operacionais de cunho etnometodológico preconizam, como pontuado por Minayo (2014, p. 149), a observação direta e a investigação detalhada dos fatos, “no lugar em que eles ocorrem, com a finalidade de produzir uma descrição minuciosa e densa das pessoas, de suas relações e de sua cultura”. Desse modo, ao investigarmos a prática da Luta Marajoara em uma festa de santo, tendo por base a Etnometodologia, buscamos estar presente na festa e observá-la atentamente, para descrevê-la, sejam detalhes relacionados à luta ou as tradições, comportamentos, gestos, linguagem ou qualquer outro elemento festivo que a alimenta.

Para desenvolver suas pesquisas, os etnometodólogos fazem uso de instrumentos emprestados tanto da etnografia quanto de outras sociologias. Na presente investigação, também nos servimos de alguns desses instrumentos, como a observação participante na sua forma artificial (MARCONI; LAKATOS, 2003), a qual permite reunir uma ampla gama de dados das dinâmicas do *lócus* investigado, que surgem do envolvimento do pesquisador na comunidade ou grupo que investiga, sendo uma das suas principais vantagens o rápido acesso aos dados sobre situações habituais em que os participantes da pesquisa se encontram envolvidos, conforme pontuado por Gil (2008).

Outros instrumentos utilizados foram o caderno e o diário de campo. No caderno de campo, instrumento que permite o registro da informação *on the spot* (LEAL, 2016), registramos tudo aquilo que observamos, ouvimos e sentimos durante a ida ao *lócus* da pesquisa. Já no diário de campo, passamos a limpo as informações constantes no caderno de campo, incluindo aquelas que nos passaram despercebidas durante a ida a campo, isto é, aquelas informações que não constavam no caderno.

Recorremos ainda a utilização de registro fotográfico, um instrumento relevante à medida que permite documentar aspectos visuais das situações ou fenômenos estudados, possibilitando, segundo Justo e Vasconcelos (2009), capturar detalhes visuais e contextuais que podem ser difíceis de serem descritos apenas com palavras. Vale destacar que tomamos o cuidado ético de não expor o rosto das pessoas fotografadas, uma vez que o Termo de Uso de Imagem não foi aplicado.

Os dados reunidos no período de 14 a 15 de novembro de 2022, foram organizados em um formato que pudesse ser lido e analisado de modo sequencial, isto é, na ordem cronológica dos fatos observados, na tentativa de proporcionar uma descrição mais detalhada e densa, em conformidade com o método de pesquisa adotado.

Cachoeira do Arari: terra de lutadores

Quem sai da capital Belém em direção à Cachoeira do Arari quase sempre viaja por via fluvial. As embarcações do terminal hidroviário com destino direto para o município são do tipo lancha⁴, com viagens que duram em torno de três horas. A travessia não costuma ser diferente das que ocorrem para outras localidades do Marajó dos Campos⁵, variam somente em razão do nível dos rios, da embarcação e do tempo de viagem.

Cachoeira do Arari se apresenta pelo rio. O município está localizado no centro da microrregião dos

4 As lanchas rápidas que navegam entre os municípios do Marajó e a cidade de Belém são embarcações de médio porte, com capacidade para transportar até 70 pessoas.

5 A ilha de Marajó é conformada, geográfica e culturalmente, pelo Marajó dos Campos (Cachoeira do Arari, Soure, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Muaná), na parte oriental, e o Marajó das Florestas (São Sebastião da Boa Vista, Currealinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá, Afuá e Chaves), no lado ocidental (PACHECO, 2009).

campos da ilha de Marajó, à margem do Rio Arari, e faz divisa com Chaves, Soure, Salvaterra, Ponta de Pedras e Santa Cruz do Arari. Cachoeira possui uma população estimada em 24.355 pessoas e uma área de 3.100,261 km², pertencente ao sistema costeiro-marinho e ao bioma da Amazônia, conforme dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cachoeira do Arari é um importante destino turístico e possui uma riqueza cultural constituída por festas populares, artesanato de fibras e cerâmica, processos culinários, narrativas orais, danças e músicas. Quem reside no contexto de Cachoeira possui uma vida marcada pela arte popular, com artistas que capturam a essência da região, como fez o romancista brasileiro Dalcídio Ramos Pereira (1909-1979), consagrado no campo literário como Dalcídio Jurandir, que passou parte de sua adolescência no município e o descreveu no seu primeiro romance intitulado “Chove nos Campos de Cachoeira” (1991) e nos clássicos “Marajó” (1992) e “Chão dos Lobos” (1976).

A cultura e história arariense pode ser prestigiada em um dos principais pontos turísticos do município, o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo, importante museu arqueológico dedicado à preservação e exibição de artefatos e objetos relacionados à herança cultural e histórica da ilha de Marajó. Desde sua inauguração, no dia 9 de dezembro de 1984 (ALVES, 2009), o museu tem atraído estudantes, autoridades, turistas e pesquisadores, que podem desfrutar e compartilhar do “sonho galliano”.

Para além do Museu, no âmbito de Cachoeira podemos encontrar fazendas, mercadinhos, açougue, mercado de peixe, padarias, praças, igrejas, assembleias, escolas, pousadas, lojas de construção, farmácias, hospital, ginásio poliesportivo, posto de gasolina, e alguns outros pontos comerciais, serviços públicos e espaços sociais e de lazer.

Quem passeia pelas vias públicas de Cachoeira, a maioria em bloquete, asfalto e piçarra, encontra pouco tráfego de veículos e mais de crianças, búfalos, cavalos, cachorros, galinhas e aterrorizantes baratas-d'água, além de açazeiros, cajueiros e mangueiras. A rua é um espaço de lazer em que as crianças e jovens brincam de empinar pipa, de se sujar na areia, de jogar bola. Os mais velhos gostam de sentar próximo ao meio fio para sentir o vento e cumprimentar quem passa.

Para além do sossego arariense, quem vivencia o município também tem enfrentado inúmeros desafios e problemas, como o acesso limitado a serviços básicos de Saúde, o que leva a população a recorrer, muitas vezes, aos postos de saúde da capital Belém e aos saberes tradicionais das plantas e remédios caseiros, como única forma de terapia em sua medicina (GOMES et al., 2022).

Contudo, mesmo com as adversidades, o povo cachoeirense é vivaz, hospitaleiro, amigável, muito receptivo e de fácil conversa. Um povo tranquilo, sem pressa, sem a correria da cidade grande. “No Marajó, quem tem pressa, morre”, escreveu o padre Gallo (1980, p. 212). Um povo que valoriza e preserva sua fortuna cultural. Um povo de fé e romance, festa e dança. Um povo de luta.

No contexto cachoeirense, a Luta Marajoara permeia a vida da comunidade de muitas formas. Em fazendas da região, ela entretém os vaqueiros em seu momento de ócio. Em eventos esportivos, quando a sua vertente esportivizada se sobressai, reúne os lutadores mais dedicados e atrai multidões. Por meio de projetos sociais, promove amizade e inclusão entre crianças, jovens e adultos. Nas paisagens ararienses de areia, lama e grama, encontra sua arena natural, onde seus praticantes abraçam liberdade nos movimentos em maior grau. E quando chega a Festividade do Glorioso São Sebastião, a Luta Marajoara encontra seu maior palco para produzir impressionantes performances a céu aberto.

A festa de corte dos mastros da festividade de São Sebastião é, da mesma forma, uma grandiosa festa que, como se verá, além de homenagear o referido santo, oferece espaço para celebrar a cultura local, incluindo a prática da tradicional luta do Marajó.

15 de novembro: dia de cortar os mastros do santo, dia de luta marajoara

O dia 15 de novembro não é lembrado pelo povo cachoeirense somente como feriado da Proclamação da República, mas como um dia que possui um significado muito mais valoroso. É uma data marcada pelo tradicional corte dos mastros da Festividade do Glorioso São Sebastião. Um momento que carrega consigo uma simbologia de fé e devoção e, da mesma forma, é uma ocasião de bebedeira, comilança, música e luta.

Na véspera do corte, fogos de artifício estouram por todo o município e ajudam a não esquecer o que está por vir. Mas, os cachoeirenses mais devotos não podem somente aguardar, é preciso se preparar, ir ao mercado comprar ingredientes para cozinhar as comidas e bebidas típicas desse dia, é preciso negociar com o proprietário da fazenda em que os mastros vão ser extraídos, preparar os machados e tomar cerveja com os amigos e familiares para lembrar as bênçãos e os castigos do santo.

No dia do corte, os cachoeirenses acordam com o estrondo de fogos de artifício que dão a impressão de tremer o chão, são os chamados “Treme Terra”, porém, acordam felizes, pois é dia de festa, uma festa atípica que se expande a um encontro íntimo com a natureza, com os bichos selvagens, com as belezas naturais do Marajó, em especial com as árvores que servirão de mastros. É dia do vaqueiro e vaqueira, ribeirinho e ribeirinha, pescador e pescadora, agricultor e agricultora, marisqueiro e marisqueira, isto é, do povo cachoeirense se reunir para experienciar o momento que podemos considerar um aperitivo da Festividade do Glorioso São Sebastião, isso porque ambas são alimentadas por elementos festivos semelhantes.

O local de extração dos mastros ocorre na Fazenda Maragogipe, localizada na Rodovia PA-154, km 15. Para chegar nesse local, há transportes individuais e caminhões e caçambas disponibilizados pela prefeitura. Para pegar carona nesses veículos, existe uma concentração que começa por volta das 5h da madrugada. Os homens se reúnem em uma rua e as mulheres e crianças em outra, a maioria se organiza assim. “Égua, mano, cadê as caçambas?”, disse a mulher que notou a necessidade de mais veículos de grande porte. Contamos cinco caçambas e dois caminhões superlotados.

Toda mobilização acontece na madrugada e o nascer do sol pode ser contemplado já na porteira da Fazenda Maragogipe, local em que ocorre a segunda concentração, agora para aguardar os veículos que pretendem entrar na fazenda. Em alguns minutos, um comboio se forma. Muita gente, muita saudade, dois anos sem o momento de corte dos mastros, a pandemia de Covid-19 não permitia.

Chega alguém responsável pela fazenda e a entrada é liberada. Todos entram, então a porteira é fechada, ninguém mais entra, mas sempre um ou outro pula a cerca, o que é veementemente repudiado pelo dono da fazenda e ninguém pode fugir à regra. Há um famoso relato sobre professores que chegaram em ônibus da Universidade do Estado do Pará, mas estavam atrasados, então não entraram.

Da porteira até o lugar do corte, percorre-se 5 km, segundo o motorista. O trajeto é acompanhado por uma paisagem inesperada e inesquecível, com búfalos, cavalos e campos alagados que espelham o céu. Os veículos deixam as pessoas até onde as árvores permitem. Elas estão dispostas a prestigiar o corte a qualquer custo, não há animal selvagem que impeça. Encontram um filhote de cobra no caminho, mas ninguém se preocupa, até apelidam carinhosamente, chamam de “sucurizinha”. Mais a frente, uma aranha caranguejeira e ninguém se assusta, nem as crianças, somente pesquisadores forasteiros e turistas. A maioria dos participantes são cachoeirenses que há muito tempo estão envolvidos com a festa, não se importam com os desafios ao longo do percurso, inclusive não esquecem de levar seus símbolos pessoais de devoção, como bandeiras, terços e camisas estampadas com a imagem do santo.

Ao descerem dos veículos, vão direto para o “carro da comida” que distribui gratuitamente água, o leite de onça (bebida de preparo caseiro, fervida com álcool etílico, leite de búfala e açúcar, com variações que incluem cachaça, chocolate e frutas) e o frito do vaqueiro ou frito do Marajó (carne de búfalo cortada em pedaços pequenos, temperada com sal e frita na própria gordura), culinária indispensável nas festas de São Sebastião.

De acordo com estudos do professor e historiador marajoara Lino Ramos (2013), o frito do vaqueiro foi introduzido nos festejos de São Sebastião justamente para ser servido às pessoas que iam buscar o

mastro nas imediações da Fazenda Espírito Santo, antiga fazenda em que se cortavam os mastros. O frito do vaqueiro ou do Marajó, reforça o historiador, nada mais é do que uma carne em conserva artesanal inventada nas fazendas de Cachoeira, como forma de conservação alimentar.

A culinária cachoeirense é uma das mais interessantes e distintas do Marajó. Nas festas de São Sebastião, os processos culinários se afloram e se apresentam em um cardápio exótico que tem o búfalo como ingrediente principal, um animal criado na ilha há mais de um século. Os búfalos, vale destacar, chegaram ao Brasil de forma desordenada, no início do século XIX, a partir de importação oficial e de animais sobreviventes ao naufrágio de embarcações que transportavam escravos da África para as Guianas (BASTIANETTO, 2009). No Marajó, os búfalos teriam surgido também a partir de um naufrágio, quando alguns animais conseguiram nadar e chegar até a ilha. Com o tempo, adaptaram-se muito bem à região e passaram a ser criados em grande escala pelos moradores, que descobriram o valor da carne e do leite do animal, além da utilidade do seu couro e chifre, muito valorizados por artesãos locais.

Para Brandão (1981), o modo de se alimentar deve ser analisado sob diversos aspectos, como sua base sociológica e histórica, seu aspecto econômico e, principalmente, o seu aspecto simbólico, sendo este último decorrente de relações sociais que identificam determinado ingrediente a um determinado grupo social e que, desse modo, constituem o alimento como um produto de sua cultura. Nesses termos, podemos dizer que a culinária das festas de São Sebastião em Cachoeira do Arari não surge aleatoriamente, mas é resultado da identificação do búfalo como ingrediente importante da cultura marajoara.

Comendo o frito do vaqueiro e bebendo o leite de onça, os devotos se preparam para adentrar a mata à procura dos mastros. Salientamos que, nos dias que antecedem o corte, o povo negocia com o proprietário da fazenda para definir o local propício para encontrar e cortar as árvores que servirão de mastros. Quando o tão esperado dia chega, tudo está devidamente organizado, restando apenas seguir o caminho (figura 1) previamente indicado.



Figura 1. O caminho dos mastros

Fonte: arquivo pessoal dos pesquisadores (2022)

Nas festas de santo do Marajó, os mastros, ícones de identidade, são confeccionados a partir de troncos de madeira, cuja metragem e diâmetro variam, além de serem previamente cortados, pintados

com as cores do santo ou santa, e enfeitados com bandeira e, alguns casos, ornados com frutas e flores (BARROS E PANTOJA, 2010). Conforme os autores, os mastros estão sempre relacionados à fartura e fertilidade da terra, e o ciclo que o envolve vai desde a sua retirada na mata, decoração, cortejo, suspensão e derrubada ao final da festa.

Um informativo da Igreja Católica evidencia que a introdução do mastro na festividade de Cachoeira do Arari, ocorreu em 1940, quando um senhor chamado Raimundo Martins solicitou uma graça ao santo e, tendo alcançado a cura de uma enfermidade, convocou familiares e amigos para erguerem um mastro em homenagem ao santo (BOULHOSA, 2017). A partir daí, a tradição do mastro foi mantida. Anos mais tarde, conforme a mencionada autora, em 1946, devido a outra graça alcançada por uma senhora chamada Celeste Santos, o mastro das mulheres também passou a integrar a festa, surgindo em seguida o mastro das crianças.

Na festividade do Glorioso, os mastros estão entre os principais bens simbólicos e são frequentemente apelidados de “pau do santo”, terminologia que contribui para desvelar o lado profano das celebrações de santo locais, isto é, da manifestação festiva que foge ao aspecto religioso propriamente dito (AMARAL, 1998), o que no caso específico da festa de corte dos mastros, não conseguimos visualizar quando começa e quando termina, pelo fato do sagrado e do profano estarem fortemente interrelacionados.

São três mastros cortados no total: o dos homens, o das mulheres e o das crianças. O maior é o dos homens e o menor é o das crianças. Ao entrarem na mata, os devotos só saem de lá depois de cortar os três. Para cortá-los utilizam um machado desamolado, isso para oferecer maior oportunidade de golpe na árvore para todos aqueles que querem contribuir com o corte. Interessa destacar que o momento de corte dos mastros está registrado nos romances do marajoara Dalcídio Jurandir:

Em baderna escolhiam o mastro entre os ucuubeiras no mato das Pindobas. **Levavam cachaça, machados e ombros devotos** para carregar o pau da ucuubeira. Bebendo e cantando folia, derrubaram como numa cerimônia, a árvore escolhida e carregavam o tronco até a margem do rio (JURANDIR, 1992, p. 330, grifo nosso).

Além do leite de onça, dos machados e dos ombros devotos, nos termos de Dalcídio, a banda de música e o cuidado em preservar o local limpo presenciam a festa do corte. A festa é na mata, as pessoas rezam no mata, conversam e bebem na mata, ouvem música e fazem fotos e vídeos na mata, dançam e lutam na mata. Esse momento nos permite observar como se dá a relação do povo cachoeirense com a natureza, uma relação harmoniosa e interdependente, que proporciona preservação e festa, um bom exemplo de como o caboclo da Amazônia humaniza e coloca a natureza à sua medida, como bem observado por Loureiro (2015) ao analisar a cultura amazônica.

Na festa na mata, a banda de música não deixa as pessoas desanimarem e as incentiva com seu repertório, que incluem ritmos carnavalescos e carimbó, com destaque para o contagiante hino da festa, o frevo “Vassourinhas”⁶. Nessa banda, o vocalista é o povo e há uma variedade de instrumentos, como saxofone, corneta, flauta, pandeiro e tambor. No Marajó, as bandas de música são recorrentes nos festejos de São Sebastião e alegam o percurso do mastro e, em alguns casos, ajudam na esmolação, juntamente com os foliões (BARROS; PANTOJA, 2010).

Cortado os três mastros, começa a correria, ninguém quer ser o último a sair da mata e correr o risco de ficar perdido por lá. A corrida é também para disputar espaço com os mastros nos veículos que os conduzem, o mesmo que trouxeram os devotos, como pode ser visto na figura 2. No fim, tem espaço para todos.

6 O frevo “Vassourinhas” é uma música interpretada originalmente pelo Maestro Ademir Araújo em parceria com a Orquestra Popular do Recife.



Fonte: arquivo pessoal dos pesquisadores (2022)

Os mastros são pesados, é necessário um grande esforço para carregá-los. Por isso, algumas pausas do local de extração até os veículos que os conduzem são necessárias, momento que alguns aproveitam para descansar e outros para lutar. Conseguimos observar dois homens se agarrando com intuito de projetar o outro de costas no chão, isto é, estávamos diante da Luta Marajoara. O embate foi rápido, era preciso continuar a carregar os mastros, o que nos leva a frisar que não é possível afirmar quantas disputas de Luta Marajoara podem ocorrer no dia do corte, isso porque há qualquer momento alguém pode lutar.

Durante a saída dos mastros da parte mais densa da mata, em uma região de capim, conseguimos ainda observar duas crianças (um menino e uma menina) lutando, que ao perceberem a correria após o corte dos três mastros, pararam de lutar e começaram a correr também. Essa observação nos permitiu constatar que além de crianças lutarem na festa de corte dos mastros, sob a supervisão dos seus pais, não existe uma regra que separe os lutadores por gênero na prática tradicional da Luta Marajoara, diferentemente dos seus atuais torneios e campeonatos que já os dividem por idade, peso e sexo, resultado do processo de esportivização que esta luta vem perpassando.

Após esse momento, observamos ainda outra criança genuinamente desafiando outra criança a lutar com seu dedinho indicador, mas a luta não aconteceu, mesmo com incentivo dos seus responsáveis, pois a criança desafiada não aceitou, uma atitude que costuma ser respeitada, mas não deixa de frustrar os pais, que inclusive não gostam quando o filho perde, afinal “Luta Marajoara é coisa séria, não é para a família passar vergonha” (GALINA, 2009, p. s/n).

Depois de amarrados nos veículos, os mastros são levados para a antiga fazenda Espírito Santo, situada na Rodovia PA-154, mais próxima do centro urbano de Cachoeira em comparação com a fazenda Maragogipe. No local, os mastros são repousados até a segunda-feira pós Círio de Nossa Senhora da Conceição, quando são levados para a casa das pessoas responsáveis por guardá-los e prepará-los para encontrar com a imagem de São Sebastião, no dia 10 de janeiro, e dar início ao período da festividade.

Porém, antes de repousarem os mastros na antiga fazenda Espírito Santo, a festa continua no meio da rua. A banda toca música, as pessoas cantam e dançam com os mastros em seus ombros, e dois jovens se derrubam em meio à pissarra. Não é briga, é Luta Marajoara. Eles foram instruídos a lutarem no capim alto, superfície que seria menos dolorida a finalização da luta, e para lá eles se dirigiram (figura 3). Na festa do corte dos mastros, a prática da Luta Marajoara ocorre assim, não tem hora ou local para acontecer. Para o duelo urgente, qualquer chão é válido.

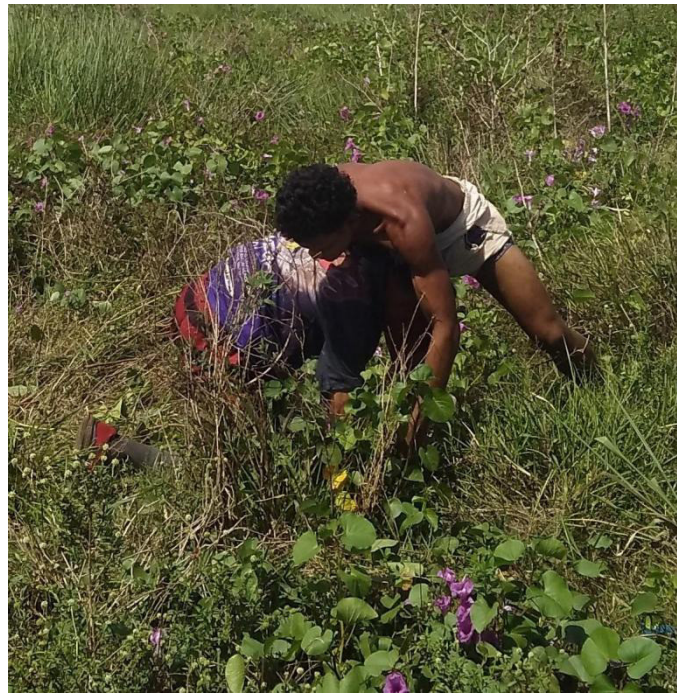


Figura 3. Luta Marajoara no Capim

Fonte: arquivo pessoal dos pesquisadores (2022)

Vale destacar que os jovens lutadores estavam notadamente alcoolizados, muito provavelmente em razão do leite de onça, isso porque muitos começam e terminam o dia bebendo essa bebida. Com alegria, alguns expressam: “Feriado, bebida de graça, tenho motivo para reclamar da vida?”. Há relatos sobre pessoas que se perderam na mata no dia do corte em razão do consumo excessivo do leite de onça. Conforme Pantoja (2008), o consumo de bebidas alcoólicas é um dos elementos mais comuns nas festas de santo da ilha.

Ressaltamos ainda a falta de surpresa entre os devotos ao testemunharem dois indivíduos lutando na festa, isto é, a prática da Luta Marajoara durante o corte dos mastros não provoca estranheza. Pelo contrário, é percebida como uma prática comum dentro desse contexto festivo, o que talvez se explique devido a tradição de prática da luta na região, bem como por ser uma festa frequentada em grande medida por lutadores-devotos.

Nota-se, assim, uma prática diferente daquela que ocorre em eventos esportivos locais, uma vez que nessa festa a Luta Marajoara não possui um espaço delimitado para a sua prática. Seu espaço é o capim, a pissarra, a areia. Além disso, sua única regra parece ser sujar as costas do adversário no chão. Os embates ainda ocorrem ao som das folias dedicadas a São Sebastião, carimbó ou músicas carnavalescas tocadas pela banda de música, e são imprevisíveis, pois luta quem quer e na hora que quiser. Não há plateias, mas há o incentivo de familiares e amigos.

O evento de corte dos mastros é, assim, mais uma festa em honra ao Glorioso São Sebastião, na qual a prática tradicional da Luta Marajoara se faz presente, no caso de modo inevitável e imprevisível, com performances que a atravessam em diversos momentos e contribui para celebrar e pôr em evidência a cultura de luta dos cachoeirenses. Uma festa que, como outras, não quer mais do que ser essa contida gramática de exageros para tocar as dimensões mais ocultas da difícil realidade do povo (BRANDÃO, 1989). Uma festa no meio da mata, cultura e natureza entrelaçadas, e não há sucuri que impeça, somente uma pandemia mortal.

Considerações finais

Recentemente declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará⁷, a Luta Marajoara vem sendo praticada há mais de um século no cenário do Marajó, seja no contexto de quilombos, fazendas, eventos esportivos ou de festas populares. Em Cachoeira do Arari, ao ser vivenciada na festa de corte dos mastros da festividade de São Sebastião, sua prática se entrelaça com outros elementos festivos, como o leite de onça e as folias de São Sebastião, ajudando a manter viva a tradição de luta dos cachoeirenses.

Investigar os contextos de prática da Luta Marajoara parece ser uma tarefa indispensável atualmente, dada a busca por sua escolarização, ou seja, a sua condução, na forma de conteúdo de ensino, para o âmbito escolar, especialmente por meio do componente curricular Educação Física. Isso para (re)conhecer os diversos aspectos que permeiam a sua prática, assegurando que não seja trabalhada na escola de maneira esvaziada, restringindo-se meramente aos seus fundamentos técnicos, mas se integre de maneira mais contextualizada.

Além do contexto de corte dos mastros, outro contexto de prática da Luta Marajoara possível de ser investigado é o da segunda-feira pós Círio de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro, quando lutadores engajam-se em combates em torno dos mastros que são transportados da antiga fazenda Espírito Santo para a residência dos devotos incubidos de sua guarda.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ALVES, Darcel Andrade. **A educação n'Ó Museu do Marajó: ver - tocar - contextualizar**. 2009. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, PA, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=188940>. Acesso em: 20 maio 2024.

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: significados do festejar no país que “Não é Sério”**. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 20 maio 2024.

BARROS, Líliam; PANTOJA, Vanda. **Dossiê das festividades de São Sebastião na mesorregião do Marajó**. Iphan, Belém, 2010. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_S_SEBASTI%C3%83O.pdf. Acesso em: 03 out. 2021.

BASTIANETTO, Eduardo. Criação de búfalos no Brasil: situação e perspectiva. **R. bras. Reprod. Anim.**, p. 98-103, 2009. Disponível em: <http://www.cbpa.org.br/pages/publicacoes/rbra/download/p98-103.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

BOULHOSA, Marinete Silva. **Entre a sela e o santo: etnográfico sobre a vida e a lida do vaqueiro marajoara**. Belém: IFPA, 2016.

BOULHOSA, Marinete Silva. Festividade de São Sebastião, de Cachoeira do Arari (...). **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 14, n. 01, p.01-15, ago. 2017. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/641/748>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

CAVALCANTI, Bruno Cesar. Novos lugares da festa – tradições e mercado. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 10-20, maio 2013.

7 Em 2022, a Luta Marajoara foi declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará pela Assembleia Legislativa do Pará, mediante a aprovação do projeto de lei nº 6/2021.

- FERREIRA, Felipe. Festejando. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 51-60, maio 2013.
- GALLO, Giovanni. **Marajó: a ditadura da água**. Belém, Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1980. 312 p.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo. Editora Nacional, 1955.
- GALINA, Décio. Forte como um búfalo. **Revista Trip**. 2009. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/forte-como-um-bufalo>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Paulo Wender P. et al. Antiviral Plants from Marajó Island, Brazilian Amazon: A Narrative Review. **Molecules**, v. 27, n. 5, p. 1542, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35268642/>. Acesso em: 20 maio 2024.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Saberes, fazeres, gingas e celebrações: ações para a salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural do Brasil 2002-2018**. Brasília-DF: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/sfgec.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos lobos**. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 3 ed. Belém, CEJUP, 1991. 294 p.
- JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1992.
- JUSTO, Joana Sanches; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 760-774, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/9082/7481>. Acesso em: 20 maio 2024.
- LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer, modos de usar. In: ALMEIDA, Sónia Vespeira de; CACHADO, Rita Ávila (orgs). **Os arquivos dos antropólogos**. Lisboa: Palavrão, 2016.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. 4. ed. Belém, PA: Cultura Brasil, 2015.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **Em el corazón de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidades do regime das águas marajoaras**. 2009. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/13141/1/Agenor%20Sarraf%20Pacheco.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.
- PANTOJA, Vanda. As festas de santo no Marajó. In: LIMA, Maria Dorotéa de; PANTOJA, Vanda. **Marajó: culturas e paisagens**. Belém: SR/IPHAN, 2008.
- PARÁ. **PL nº 6/2021**. Declara como integrante do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial a manifestação sociocultural e desportiva conhecida como “LUTA MARAJOARA”, do Arquipélago do Marajó, no âmbito do Estado do Pará, e dá outras providências. Assembléia Legislativa do Estado do Pará. Pará, 2021. Disponível em: <https://downloads.alpara.com.br/Projeto/10655.PDF>. Acesso em: 22 maio 2022.
- RAMOS, Lino. **O devoto fiel**. Cachoeira do Arari, Edição do Autor, 2013. 90 p.